

Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas (Brasil)

Edson Galvão Maia

Universidade Estadual de Londrina / Instituto de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Brasil)
galvaedson@hotmail.com

Recibido 17/09/2016. Aceptado 15/05/2017

Weakening of syllable-final /S/ in data from the south of Amazonas (Brazil)

Resumo

Estudos variacionistas apontam que o fonema /S/ em contexto de coda silábica apresenta grande variação no português brasileiro. A variante alveolar tem ocupado posição de destaque na maioria das regiões do país, ao lado da variante alveopalatal, também bastante difundida. Porém, registram-se ainda o enfraquecimento da consoante, que passa a se realizar como glotal, e até mesmo o apagamento da coda. Tais variantes são geralmente atribuídas à fala de pessoas com pouca instrução, de classes baixas ou de regiões menos desenvolvidas. Em pesquisa dialetológica realizada em três municípios do sul do Amazonas – Boca do Acre, Lábrea e Tapauá – observou-se a variante glotal em mais de 12% dos dados coletados, porém notou-se que o enfraquecimento se dá em determinados contextos, principalmente anterior a uma consoante lateral, nasal ou africada (*desligar* [dehli'gah], *mesmo* ['mefmʊ] e *leste* ['lɛhtʃ]). Essa pesquisa considerou as respostas ao Questionário Fonético-fonológico que tratam exclusivamente do fonema /S/ em coda silábica. Foram investigados 18 informantes de ambos os sexos e de três faixas etárias diferentes. Quanto ao enfraquecimento do fonema pesquisado, notou-se que está relacionado aos estudos da sonoridade. Observou-se que quanto mais sonoro o segmento seguinte mais enfraquecido se torna o fonema em estudo, tendendo à realização glotal e quanto menos sonoro o segmento seguinte mais aparente o fonema em estudo, privilegiando, para este caso, a variante alveopalatal. Com exceção da localidade, as variáveis sociais consideradas mostraram-se irrelevantes para a investigação deste fenômeno. Todavia, é notória a relevância da variável linguística *contexto subsequente* para a realização do /S/ em coda silábica nas localidades investigadas.

Palabras chave

Dialectoloxía, sur do Amazonas, /S/ en coda silábica

Sumário

1. Introdução. 2. O enfraquecimento do /S/ em coda silábica no português brasileiro. 3. Estudos fonológicos sobre a sonoridade. 4. O enfraquecimento do/S/ em coda silábica no sul do Amazonas. 4.1. Resultados gerais. 4.2. Discussão dos resultados. 5. Conclusões.

Abstract

Variationist studies show that realizations of the phoneme /S/ vary widely in Brazilian Portuguese when syllable-final. The alveolar variant has received much attention in most regions of the country, together with the alveolo-palatal variant, also widespread. However, weakening of the consonant has also been recorded, whereby it may come to have a glottal realization, or open syllables may even result. Such variants are usually attributed to the speech of people with little education belonging to the lower classes or less developed regions. In dialect studies in three municipalities in the south of Amazonas (Boca do Acre, Lábrea and Tapauá), the glottal variant was found in more than 12% of the data, but it has been noted that weakening takes place in particular contexts, mainly before a lateral, nasal or affricate consonant (*desligar* [dehli'gah], *mesmo* ['mefmʊ] e *leste* ['lɛhtʃ]). The present study examines responses to the Phonetic/Phonological Questionnaire which have syllable-final /S/. Eighteen informants of both sexes and three different age-groups were surveyed. A correlation was noticed between the weakening under consideration and sonority: the more sonorous the following segment, the greater the weakening of the phoneme in question with a tendency towards glottal realizations, whereas the less sonorous the following segment, the more salient is the sibilant, with preference for the alveolo-palatal variant. The social variables considered, with the exception of location, were shown not to be relevant. On the other hand, *subsequent context* turns out to be a highly relevant variable in determining how syllable-final /S/ is realized.

Keywords

Dialectology, southern Amazonia, syllable-final /S/

Contents

1. Introduction. 2. The weakening of syllable-final /S/ in Brazilian Portuguese. 3. Phonological studies on sonority. 4. The weakening of /S/ in syllable coda in the south of Amazon. 4.1. General results. 4.2. Discussion of the results. 5. Conclusions.

1. INTRODUÇÃO

O fonema /S/ em posição de coda silábica é uma variável bastante investigada por sociolinguistas e dialetólogos por apresentar um grande número de variantes no português brasileiro. Alguns estudos chegam a apontar seis variantes que vão desde as mais prestigiadas, as fricativas alveolar e alveopalatal surdas e sonoras (ca[s]ca, ca[l]ica, me[z]mo, me[ʒ]mo) até as menos prestigiadas fricativa glotal (me[h]mo) e zero fonético (memo). As primeiras têm recebido especial atenção devido a suas maiores incidências na maioria das regiões brasileiras, o que leva muitos estudiosos a desconsiderar as demais variantes em detrimento de uma comparação entre as variantes com ou sem palatalização. Tais estudos apontam um índice maior de realizações de fricativas alveolares na maioria das regiões brasileiras, com exceções para as cidades de Belém (PA), Macapá (AP), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ), Cuiabá (MT), Recife (PE), Manaus (AM) e Santos (SP), onde prevalece a variante palatalizada (Jesus e Mota 2011; Noll 2005). Essa pronúncia alveopalatal, por sua vez, de acordo com Silva Neto (1960), é influência do português europeu e sua origem encontra-se na pronúncia pré-dorsal portuguesa, existente em Portugal no início do século XVI, época do descobrimento e da colonização. Já as demais variantes, por serem menos recorrentes, não costumam ser alvo de muitas investigações, sendo apontadas como um enfraquecimento da fricativa, resultante de sua condição débil por estar em coda silábica (final de sílaba). Para este trabalho interessa investigar a variante enfraquecida do /S/ em posição de coda, a fim de identificar os fatores linguísticos e sociais que estão influenciando esse fenômeno.

A escolha pelo termo “enfraquecimento” para se referir à variante glotal se justifica foneticamente, pois as variantes alveolar e alveopalatal são um tipo articulatorio produzido com mais energia, sendo, assim, relacionadas a processos de fortalecimento. Para Brescancini (2004: 93), a variante glotal do /S/ é estágio inicial do processo de enfraquecimento consonantal de obstruintes em posição de coda. Conforme será possível notar ao longo deste artigo, outros autores se utilizam de termos como “reificação”, “neutralização”, “debutalização”, “aspiração”, “glotalização” talvez pelo fato de a grande maioria desses trabalhos investigar também outras fricativas, que sofrem alterações não apenas em coda, mas também em ataque silábico.

O enfraquecimento das fricativas não é um fenômeno recente no português brasileiro, mas remonta ao romance, muito embora a aspiração que se perdeu na transposição do latim para o português em palavras como *hodie* > hoje possa ser considerada um enfraquecimento (Rodrigues, Araújo e Aragão, 2013: 55).

Mudança semelhante se observa no espanhol andaluz, do Panamá, de Porto Rico e de Rosário, nos quais o /S/ passa a ser pronunciado como velar, um processo geral de criação de sílabas abertas (Brescancini, 2004: 93). Para Rodrigues, Araújo e Aragão (2013: 56), a realização do português brasileiro com o som glotal (aspirado) pode ser considerada como um nível ainda mais acentuado de enfraquecimento se comparada à realização velar do espanhol.

No francês arcaico, a fricativa ápico-alveolar passa por um processo de enfraquecimento que gera uma variante fricativa surda [h] que posteriormente, por sua vez, torna-se sonora e perde a fricção, deixando um prolongamento da vogal em seu lugar: *paste* > *pa[h]te* > *pate* (Brescancini 2004: 93).

Esse fenômeno, embora presente com índices maiores ou menores, em todas as regiões brasileiras, se mostra bastante recorrente no estado do Ceará, razão pela qual se acredita que dessa região o fenômeno vem se difundindo para o restante do país. Aliás, os estudos que mais têm abordado esse tema são do estado do Ceará onde o enfraquecimento também ocorre com outras fricativas com o /v/, /z/ e /ʒ/, mesmo em posição de ataque silábico como em *vou* > [h]ou, *ventania* > [h]entania, *sebosa* > sebo[h]a.

Este artigo busca analisar o enfraquecimento do /S/ em contexto de coda silábica a partir de dados coletados no sul do Amazonas, região com forte influência do Nordeste brasileiro, principalmente do estado do Ceará, de onde se deslocou um grande número de migrantes durante a época de extração da borracha na região.

O *corpus* foi coletado para a dissertação de mestrado intitulada “Realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá”, defendida na Universidade Fede-

ral do Amazonas (Maia 2012). Foram investigados seis informantes por localidade, estratificados em sexo e faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e 56 anos em diante), em um total de 18 inquiridos. Nessa pesquisa constatou-se a realização alveolar como prioritária na maioria dos contextos linguísticos, no entanto a variante glotal representou 12% dos dados, o que, em comparação aos índices dessa variante em outras pesquisas, é um índice considerável. Para análise do fenômeno, consideraram-se as escalas de sonoridade propostas por Jaspersen (1904 *apud* Hooper 1976) e Clements (1990).

Portanto, inicialmente serão apresentados os estudos sociolinguísticos e dialetológicos brasileiros sobre o /S/ em coda silábica que apresentaram em seus resultados o fenômeno de enfraquecimento no intuito de mostrar que este é um fenômeno bastante recorrente no português do Brasil, dando especial destaque aos estudos realizados no estado do Ceará. Em seguida, apresentam-se os estudos fonológicos, mostrando como a sonoridade atua na formação das sílabas. Por fim, aborda-se o fenômeno do enfraquecimento no sul do Amazonas, analisando-se as variáveis que o têm influenciado nos contextos em que é mais atuante.

2. O ENFRAQUECIMENTO DO /S/ EM CODA SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O grande número de pesquisas de bases sociolinguística e dialetológica tem atestado a presença do fenômeno de enfraquecimento da fricativa /S/ em todas as regiões do país. A maioria dos trabalhos volta sua atenção para as variantes mais incidentes, sendo a glotal, às vezes, apenas citada, ou simplesmente retirada da amostra e quase nunca analisada de forma mais profunda. Nesta seção apresentam-se os trabalhos que tratam da existência do fenômeno em seu *corpus* e o tratamento dado nas análises.

O primeiro registro sobre o enfraquecimento pode ser encontrado no trabalho de Aguiar (1937) sobre a fonética do português falado no Ceará. O pesquisador aponta como característica do falar cearense de crianças e do povo *rústico* não só a ocorrência velar das fricativas [ʒ], [z] e [v] na posição de ataque silábico, mas também do [z] em contexto de coda em expressões como *ma[h] eu* (mas eu) e *ma[h] é isso* (mais é isso) até mesmo na fala descuidada de pessoas cultas. Também registrou a ocorrência velar do /S/ em coda antes das consoantes nasais (me[h]mo, o[h] nome) e da consoante [d] (de[h]de, o[h] dia)¹.

Bueno (1967) atesta a presença de um (-r) gutural na fala de pessoas com pouca instrução no Nordeste do Brasil (mais especificamente os estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, chamados por ele de Norte) e na cidade do Rio de Janeiro que vai enfraquecendo até chegar à aspiração, representada pelo *h* ou pelo *j* em espanhol.

Já se utilizando de um rigor científico típico de trabalhos sociolinguísticos, Roncarati (1999) investiga o enfraquecimento e o apagamento das fricativas [v, z, ʒ] no estado do Ceará. A pesquisa contou com uma amostra de 15 gravações, sendo 10 de amostra básica, quatro de falantes interioranos do projeto do Atlas Linguístico do Ceará (ALECE) e uma de interação médico-paciente (IMP), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará. Partindo da hipótese do difusionismo lexical, a pesquisadora analisa o uso do item lexical, nível de formalidade e grau de afetamento de itens enfraquecidos por meio das variáveis: distância da tonicidade antecedente e subsequente, contexto fonológico antecedente e subsequente e marca de desinência verbal. Com relação à fricativa [z], podem se destacar os seguintes resultados:

1. As consoantes com traço [-contínua], [l, n, d, m], mostram-se favorecedoras do fenômeno de enfraquecimento e estão associadas ao uso dos itens *mesmo* e *mais*;
2. A distância 1 da tônica antecedente favorece tanto o enfraquecimento quanto o apagamento e se associa à grande usualidade da palavra *mesmo*;
3. O uso de /z/ enfraquecido é maior em itens com segmento enfraquecido antes de consoante nasal. O alto índice na palavra *mesmo* aponta para a confirmação da hipótese de que o fenômeno de enfraquecimento seja lexicalmente motivado;

¹ Embora o autor caracterize como “velar” o som que corresponde ao enfraquecimento das consoantes fricativas no falar cearense, utiliza, nos exemplos que apresenta, o símbolo hoje utilizado para a fricativa glotal [h]. Nesse sentido, optou-se por manter as representações fiéis à obra citada. É importante lembrar que se trata de uma obra de 1937 e, considerando a caracterização do falar cearense atualmente, talvez o autor se referisse mesmo ao som glotal.

4. O enfraquecimento é maior entre os morfemas gramaticais e menor entre os que carregam as informações lexicais;
5. Situações de fala informal são favorecedoras do enfraquecimento da fricativa;
6. O enfraquecimento é mais usado pelos homens (sinaliza *manifestação de macho*);
7. Adultos enfraquecem mais a fricativa;
8. O teste de atitude revela que as variantes mais estigmatizadas, como é o caso da fricativa enfraquecida, são atribuídas a falantes interioranos e que existe um paralelismo entre a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos.

A pesquisadora conclui, assim, que os fatores que mais influenciam o enfraquecimento das fricativas são de natureza lexical e interacional.

Em seu estudo sobre a realização dos róticos em Fortaleza, Alencar (2007) registra a ocorrência de fricativas [v], [z] e [ʒ] reificadas (enfraquecidas). A pesquisa contou com *corpus* próprio, organizado a partir de entrevista de aproximadamente 90 minutos junto a 24 informantes residentes nos vários bairros da cidade e distribuídos uniformemente segundo as variáveis sexo (masculino e feminino), faixa etária (18 a 30 e 45 a 60 anos) e nível de escolaridade (até o Ensino Fundamental e Superior Completo). A respeito das fricativas /z/, a autora observa:

1. A neutralização de /z/ > [h] ocorre antes de consoante vozeada em posição medial e antes de vogal e consoante vozeada em posição final (*Por cau[h] que ele; Posso responder mai[h] não*);
2. A marca de plural parece desfavorável à neutralização, pois a neutralização não afeta a indicação de plural (*o[h] dedo*);
3. As maiores ocorrências do fenômeno, em ordem decrescente, estão no interior do vocábulo *mesmo*, no contexto fonológico seguinte a consoantes nasais (/m/ e /n/), à lateral /l/ e à oclusiva dental /d/.

A pesquisadora atribui a explicação do fenômeno à possível perda de ponto de articulação e permanência apenas da fricção.

Ainda no estado do Ceará, encontramos o trabalho de Aragão (2009), no qual se investiga o enfraquecimento das fricativas [v, z, ʒ] (ao que a pesquisadora chama de neutralização), buscando-se analisar os fatores internos, diastráticos e diatópicos que estão atuando na ocorrência do fenômeno, por meio de seis entrevistas do *corpus* do projeto Dialectos Sociais Cearenses e de quatro inquéritos experimentais do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) gravados em Fortaleza. Esses projetos seguem uma distribuição clássica dos informantes em sexo, faixa etária e níveis de escolaridade, além da classe social no caso do primeiro. Por meio dos resultados da pesquisa, concluiu-se que o enfraquecimento das fricativas é condicionado internamente principalmente pela vogal seguinte (em contexto de ataque) e pela posição inicial e medial. Observou-se ainda que ocorre em todos os segmentos social analisados: jovens, adultos, idosos, homens, mulheres, com menor ou maior grau de escolaridade, sendo o fator determinante mais forte a tensão ou não, a formalidade ou informalidade, monitoramento ou não do discurso, o que leva a pesquisadora a acreditar nesse fenômeno como marca dialetal do falar cearense.

Essa hipótese já havia sido investigada em outro trabalho (Aragão e Soares 1996), por meio do qual se fez uma comparação entre os falares cearense e paraibano, considerando-se o fenômeno de enfraquecimento das fricativas, utilizando os *corpora* do Atlas Linguístico da Paraíba e dos projetos Português Não-Padrão do Ceará e Dialectos Sociais Cearenses. A pesquisa registrou poucos casos na Paraíba (a maioria referente ao vocábulo “mesmo”), diferente do que ocorreu no Ceará. Naquele momento acreditou-se que o fenômeno estava relacionado ao grau de escolaridade do informante, uma vez que os *corpora* se constituíram com informantes com pouco grau de instrução. Porém, conforme mencionado acima, na pesquisa em que comparou os diferentes graus de instrução (Aragão 2009), a pesquisadora constatou que o fenômeno se dá em todos os níveis no estado do Ceará.

O trabalho mais recente realizado no Ceará busca descrever e analisar linguisticamente a realização reificada das fricativas [v, z, ʒ] no *corpus* apresentado pelo Atlas Linguístico do Ceará

(ALECE). Trata-se do trabalho de Rodrigues *et. al.* (2013), que analisou 21 questões do ALECE referentes à primeira divulgação de resultados do atlas. Para a realização do *corpus* foram entrevistados 265 informantes, estratificados pelas variáveis escolaridade (alfabetizados e analfabetos), idade (menos de 30 anos, de 30 a 40, de 41 a 50, de 51 a 60 e mais de 60 anos), sexo e localização geográfica (divisão por Meso e Microrregiões). Foram encontrados casos de reificação em apenas 12 itens lexicais. Os resultados da pesquisa estão enumerados a seguir:

1. O fenômeno é mais recorrente em ataque silábico (78,6%) do que em coda (21,4%);
2. O fenômeno é mais recorrente na sílaba tônica (50%), seguido da pretônica (28,6%) e da postônica (21,4%);
3. O fator escolaridade se mostrou determinante para a realização da reificação, pois o grupo dos analfabetos detém 72% dos casos;
4. Localização geográfica (diatopia) também se revelou um fator determinante. É na Mesorregião Nordeste Cearense que ocorre o maior número de casos.

Em Salvador, Canovas (1991) faz um estudo do /S/ em coda silábica que se mostra relevante para o presente estudo. Sua amostra compõe-se de gravações semi-informais com 45 informantes, distribuídos em três faixas etárias (13 a 20, 21 a 45 e 46 a 70 anos) e três níveis de escolaridade (1º, 2º e 3º grau), bem como de entrevistas de TV de 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 e 60 anos, a maioria homens. A pesquisa levou aos seguintes resultados:

1. A forma aspirada foi mais recorrente diante das consoantes /m/ e /l/ e houve grande influência do item lexical “mesmo” para esse resultado;
2. A aspiração apresenta índices consideráveis também diante das oclusivas sonora /g/, /d/ e /b/, embora a incidência maior nesse contexto ainda seja da variante alveolar;
3. O enfraquecimento é facilitado em contexto subsequente sonoro e é maior quanto mais recuada for a zona de articulação onde se dá a produção da variante sonora;
4. Os falantes com maior nível de escolaridade evitam o uso da variante aspirada, preferindo o uso da forma alveolar;
5. A aspiração vem ocorrendo em todas as faixas etárias;
6. Mesmo em situação mais tensa não há inibição da pronúncia aspirada.

Diante dos resultados, a pesquisadora acredita que o /S/ em coda silábica caminha em direção ao apagamento, passando pela forma enfraquecida.

De Salvador também é a amostra de Pelicioli (2008) que utilizou oito inquéritos experimentais do ALIB e considerou sexo, faixa etária (20 a 30 e 46 a 61 anos) e nível de escolaridade (Fundamental e Superior). Os resultados referentes ao /S/ em coda silábica estão elencados a seguir:

1. O enfraquecimento é favorecido quando a fricativa se encontra antecedido das consoantes sonoras /m/, /n/, /l/, /d/, /b/, /g/ e /v/ e a consoante surda /x/;
2. Conjunções, numerais, pronomes, determinantes e advérbios mostram-se favorecedores do fenômeno, ao passo que verbos e adjetivos estão numa zona neutra e substantivos desfavorecem a regra;
3. A posição final de palavra, diante de consoante se mostra favorável à aplicação da regra de enfraquecimento, já a posição medial encontra-se na zona neutra;
4. A faixa etária que mais usa a variante enfraquecida é a primeira (20 a 30 anos);
5. O enfraquecimento é mais incidente entre os informantes de nível fundamental, no entanto já ocorre entre falantes de nível superior;
6. A aplicação da regra é maior entre os informantes do sexo masculino.

Para Pelicioli (2008), o enfraquecimento é uma regra que partiu de baixo (antes era comum entre falantes de nível de escolaridade mais baixo) e hoje atinge todas as camadas da sociedade.

Saindo do Nordeste e voltando o olhar para a Região Sul do país, encontra-se a pesquisa de Brescancini (2004), no qual a pesquisadora descreve e analisa o papel que as variáveis linguísticas e sociais desempenham no condicionamento da fricativa glotal (chamada de laríngea pela autora), considerando-se a situação de variação observada no português falado em três regiões

do município de Florianópolis: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. Sua amostra é proveniente do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) e conta com um total de 100 informantes. A pesquisa considerou as variáveis linguísticas: contexto seguinte, contexto precedente, traço [voz], posição na palavra e acento; e as variáveis sociais: faixa etária, sexo, escolaridade e região. Os dados foram submetidos ao pacote estatístico Varbrul 2S que selecionou como relevante todas as variáveis linguísticas e apenas a variável social faixa etária. Destacam-se os seguintes resultados:

1. A relação entre contexto seguinte e traço [voz] revela que o contato mais propício ao enfraquecimento é o estabelecido entre a fricativa e os elementos que ocupam as posições mais baixas na escala de força², laterais, nasais e contínuas sonoras;
2. O traço [+voz] motiva o enfraquecimento da consoante enquanto o traço [-voz] o inibe, uma vez que este é o contexto forte já que obtém os níveis mais altos na escala de força;
3. Vogais coronais altas [i, y] e não alta [e] quando precedem a fricativa favorecem o enfraquecimento. Por sua vez, a vogal [a] e a vogal [u] são pouco favorecedoras;
4. Palavras sem acento são favorecedoras à aplicação da regra de enfraquecimento, contexto tônico e pretônico encontram-se em zona neutra e contexto postônico favorece menos o fenômeno;
5. O fonema /S/ na posição de coda, diante de palavra seguinte e na posição de coda medial, está mais suscetível ao enfraquecimento, enquanto que em coda absoluta está menos suscetível;
6. Com relação à faixa etária, a variação mostra-se estável, uma vez que ocorre em todas as faixas com diferenças pouco significativas e não há indícios de que a variante esteja ganhando força: adolescentes (0,44), adultos jovens (0,58), adultos (0,56) e idosos (0,60).

Diante de tais resultados, a autora opta por uma representação de regra fonológica no domínio da rima em detrimento de uma que estivesse no domínio da sílaba, considerando a importância do contexto precedente, além do contexto subsequente. Para ela, a fricativa em estudo, por estar na mesma unidade subsilábica (a rima) da vogal precedente, mantém com ela relações fonotáticas mais estreitas.

Santos (2004), por sua vez, analisa as variações do /S/ em coda silábica nos municípios de Itaperuna, Paraty e Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, região Sudeste do Brasil. Seu *corpus* é formado de 18 entrevistas em cada um dos municípios por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e Discurso Semidirigido do ALiB. A pesquisa controla sexo e faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos) dos informantes. Todos os informantes possuem escolaridade básica (máximo até a 7ª série do Ensino Fundamental). Foram registrados 6% dos casos para a variante glotal, sobre os quais a pesquisadora afirma:

1. Os fatores sociais não se mostram tão relevantes;
2. A sonoridade do segmento seguinte apresenta muita relevância para o estudo do fenômeno. Se sonoro, o segmento seguinte favorece o enfraquecimento do /S/ em coda;
3. Em discurso semidirigido, mostra-se relevante a natureza do vocábulo. No contexto interno destacam-se os vocábulos “mesmo” e “desde” e, no contexto externo, os vocábulos “nós”, “pois”, “mas” e “mais”, porém outros também se apresentam enfraquecidos: *gosto, vez, turismo, Deus, simplesmente, rasgar, desmaio, dois, nós, três, seis, dez.*

No Norte do país, registra-se o fenômeno de enfraquecimento nos estados do Pará (Carvalho 2000), Amapá (Monteiro 2009) e Amazonas (Martins 2007; Quara 2007; Martins e Margotti 2012; Berçot-Rodrigues 2014).

² O traço de força corresponde inversamente aos correlatos fonéticos de grau de sonoridade. Proposta por Hooper (1976), a escala de força é um método para captar a relação entre tipos de segmentos e silabificação com base na correlação entre a força do traço consonantal e a força da posição silábica, independentemente motivada. Desse modo, posições fracas são ocupadas por consoantes fracas e posições fortes, por consoantes fortes. Para mais informações conferir Hooper (1976) e Brascancini (2004).

Carvalho (2000) estuda a variação do /S/ em posição de coda na cidade de Belém. Sua amostra é formada por entrevistas e depoimentos DID (diálogo entre informante e documentador) de 42 informantes, distribuídos em sexo, escolaridade (Não escolarizados, Ensino Fundamental e Ensino Médio), faixa etária (15 a 25, 26 a 46 e mais de 46 anos) e classe social (baixa e média). A respeito do enfraquecimento, a pesquisa apresenta os resultados que se seguem:

1. Há um favorecimento da glotal com consoante sonora em juntura (enquanto segmento fônico posterior), sílaba tônica e em advérbios, preposições e conjunções;
2. Falantes não escolarizados utilizam mais a variante glotal, já os falantes com ensino fundamental fazem uso equilibrado das quatro variantes encontradas na pesquisa (alveolar, alveopalatal, glotal e zero fonético);
3. Homens usam mais a variante glotal do que mulheres;
4. Falantes mais idosos apresentam maior frequência de aspiração, falantes jovens fazem uso moderado da variante glotal e adultos não a utilizam;

Monteiro (2009), por sua vez, realiza seu estudo na cidade de Macapá por meio de uma amostra de 16 informantes do projeto Vozes do Amapá, estratificados em sexo, faixa etária (15 a 26 e mais de 49 anos) e escolaridade (até quatro anos e mais de nove anos de escolaridade). A pesquisadora registrou 5% dos casos de /S/ em coda silábica sendo realizadas como glotal, que foram retirados da análise, dado que importava à autora o estudo da palatalização existente na cidade.

No estado do Amazonas, as pesquisas de Martins (2007) e Quara (2007) partiram do *corpus* de elocução livre (discurso semidirigido) do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e investigaram as variantes do /S/ em coda silábica nos municípios de Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos, Benjamin Constant, Lábrea, Humaitá, Eirunepé e Itacoatiara. O principal objetivo das pesquisas era confirmar a hipótese levantada por Cruz (2004) a respeito de uma divisão dialetal no Estado entre as variantes alveolar e alveopalatal, no entanto em todos os municípios houve registro da variante glotal. De acordo com Martins (2006), o uso da variante glotal deve-se ao fato de o contexto seguinte apresentar-se como consoante sonora [d] e [m], sendo mais recorrente no vocábulo “mesmo”.

Martins e Morgotti (2012) realizam o mesmo estudo na cidade de Manaus, por meio de uma amostra de oito informantes, coletada em Manaus para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Como se sabe, nas capitais os informantes do atlas estão distribuídos pelas variáveis sexo, faixa etária (18 a 30 e 45 a 60 anos) e escolaridade (Ensino fundamental e superior). Foram utilizadas as transcrições de todos os questionários do ALiB e chegou-se às seguintes conclusões no que se refere à variante glotal:

1. De modo geral, 2,8% dos dados da cidade referem-se à variante glotal, sendo muito recorrente na palavra “mesmo”, ao que os autores não descartam a hipótese de difusão lexical;
2. O fenômeno apenas ocorre em posição medial, não havendo ocorrência na posição final;
3. Há uma distribuição homogênea da variante na fala de homens (3,1%) e mulheres (2,4%);
4. A ocorrência é baixa nas duas faixas etárias (2,1% e 3,4% respectivamente);
5. A frequência é a mesma nos dois níveis de escolaridade (2,8%).

Por fim, ainda em Manaus, é realizado o recente estudo sobre a variante glotal de fricativas por Berçot-Rodrigues (2014). A pesquisa visou a identificar os fonemas envolvidos no fenômeno de substituição das consoantes fricativas pela fricativa glotal [h], analisando a frequência em que ocorre e a influência dos fatores sociais na realização do fenômeno. O *corpus* da pesquisa foi constituído de entrevistas a 24 informantes, estratificados segundo as variáveis sexo, faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental e Superior), aos quais foram aplicados questionários diversos: Questionário Fonético-Fonológico com 30 questões, Discurso Semidirigido e Leitura de Frases e Texto. A pesquisadora constatou que, dentre as consoantes fricativas analisadas, o /S/ é a que mais sofre enfraquecimento (49,1%). A análise dos fatores sociais considerou todos os casos de enfraquecimento das fricativas e revelou que

os homens utilizam mais as variantes enfraquecidas do que as mulheres (55,5%); o fenômeno também é mais recorrente entre os idosos e os jovens (38,2% e 36,4% respectivamente) e menos recorrente entre os adultos (25,4%); falantes de escolaridade fundamental também utilizam mais formas enfraquecidas do que falantes de escolaridade superior (55,5%).

Os estudos apresentados, de modo geral, demonstram a recorrência do fenômeno de enfraquecimento do /S/ em coda silábica no Português falado em várias regiões brasileiras, sendo mais incidente no estado do Ceará de onde pode ter se difundido. É inegável a difusão e aceitação do fenômeno no item lexical “mesmo”, o que leva muitos pesquisadores a acreditar que tenha sido a partir desse vocábulo que o fenômeno se propagou para as palavras onde encontrou contexto fonético propício, no geral, e, principalmente, contexto anterior: as consoantes sonoras nasais /m/ e /n/, lateral /l/ e oclusiva dental /d/. Com relação aos fatores sociais, com algumas exceções a depender da região, o fenômeno parece ter surgido entre falantes pouco escolarizados e de camadas mais baixas da sociedade, muito mais na fala de homens do que de mulheres, e está alcançando as camadas mais elevadas e até os estudantes mais escolarizados, principalmente em alguns vocábulos como “mesmo”, “mais” e “desde”, pronunciados em suas formas enfraquecidas até mesmo em situações de fala tensa, monitorada (entrevista de TV, por exemplo). Embora se observe uma aceitação principalmente dos itens citados acima, o fenômeno de enfraquecimento ainda possui determinado estigma, revelado em estudos em que se aplicou teste de atitude.

Considerando a relevância do contexto seguinte sonoro atestada em todos os trabalhos realizados sobre o fenômeno, bem como a escala da teoria da sílaba, principalmente das escalas de sonoridade propostas por Jespersen (1904) e Clements (1990) para a explicação do enfraquecimento nos dados desta pesquisa, apresenta-se a seguir uma breve explanação sobre os estudos de sonoridade e sua importância na organização e formação das sílabas.

3. ESTUDOS FONOLÓGICOS SOBRE A SONORIDADE

A sonoridade vem sendo focada nos estudos fonológicos desde o final do século XIX, por linguistas como Sierves (1881) e Jespersen (1904), mostrando que ela governa a ordem dos segmentos no interior da sílaba, constituindo-se como princípio para sua boa formação.

Alves e Keller (2010: 64) explicam que, foneticamente, cada sílaba da palavra possui um pico de sonoridade, isto é, um segmento que se sobressai sobre os demais e que marca o elemento silábico. A partir desse pico, em direção às margens da sílaba se sucede uma sequência de segmentos com um decréscimo progressivo de sonoridade, de modo que quanto mais afastado do núcleo o segmento está menos sonoro ele torna.

De acordo com Hora et al. (2010: 72), as posições de ataque e coda, no que diz respeito à sonoridade, são consideradas mais débeis e, por isso, não são obrigatoriamente preenchidas, diferentemente do núcleo.

A fim de expressar a diferença sonora dos segmentos, Jespersen (1904, apud HOOPER, 1976) propõe uma escala de sonoridade que vai de [-soante] a [+soante], conforme especificada a seguir:

- Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < *trill* e *tap* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas

Baseando-se nos traços de classe maiores, Clements (1990) apresenta essa mesma escala em resumo:

Obstruinte <	Nasal <	Líquida <	Glide <	Vogal	
-	-	-	-	+	Silábico
-	-	-	+	+	Vocoide
-	-	+	-	+	Aproximante
-	+	+	+	+	Soante
0	1	2	3	4	

Assim, as vogais, por serem mais sonoras, na maioria das línguas, dentre elas o Português, ocupam a posição de núcleo. O ataque, por iniciar a sílaba, é ocupado preferencialmente por consoantes menos sonoras. Já a coda, posição de travamento silábico, é ocupada por consoantes mais sonoras.

Sílabas bem formadas são sílabas que obedecem a princípios de boa formação, dos quais a sonoridade é elemento principal. Um desses, por exemplo, é o Princípio de Sequência de Sonoridade (Clements 1990), segundo o qual se estabelecem entre membros de uma sílaba e o pico silábico apenas sons com alto grau de sonoridade. Logo, observa-se a tendência existente nas línguas de manterem próximos aos núcleos apenas os segmentos mais sonoros. Assim, sílabas como *pra* e *sma*, por exemplo, são permitidas em detrimento de sílabas como *rta* e *msa*, proibidas. É por essa razão também que, em português, a sequência *nt* (sonoridade decrescente) não ocupa posição de ataque, mas de coda; ao passo que a sequência *pr* (sonoridade crescente) não ocupa posição de coda, apenas de ataque.

4. O ENFRAQUECIMENTO DO /S/ EM CODA SILÁBICA NO SUL DO AMAZONAS

A pesquisa que gerou os dados apresentados a seguir, assim como a grande maioria das pesquisas apresentadas na primeira seção, não tinha como objetivo principal a investigação do fenômeno de enfraquecimento, portanto algumas variáveis não puderam ser analisadas neste trabalho. No entanto, o índice de mais 12% para a variante glotal chama a atenção para a incidência do fenômeno na região investigada, principalmente quando se olha para a ocupação que se deu no sul do Amazonas, tendo como personagem principal o cearense. Ressalta-se que as pesquisas indicam ser o fenômeno uma característica marcante no estado do Ceará que já havia sido documentada no início do século passado.

Assim, esta pesquisa foi realizada em três municípios sul amazonenses (Boca do Acre, Lábrea e Tapauá) e teve seu *corpus* configurado por meio de Questionário Fonético-Fonológico, aplicado a 18 informantes, distribuídos em sexo e faixa etária (18 a 35, 36 a 55 e mais de 55 anos). Todos os informantes possuíam no máximo o 5º ano do Ensino Fundamental. Logo, foi possível controlar, além da dimensão diatópica, as dimensões sociais diagenérica e diageracional, bem como a variável linguística contexto seguinte. Os dados foram submetidos ao pacote estatístico Goldvarb X para a análise da relevância dos fatores linguísticos e extralinguísticos considerados na pesquisa.

A seguir, apresentam-se os resultados gerais apresentados para a caracterização da realização fonética do /S/ em coda silábica nos municípios investigados, considerando todas as variantes investigadas, e, em seguida, apresenta-se uma análise mais detalhada do fenômeno de enfraquecimento apresentado nesses dados, com devida discussão a respeito.

4.1. Resultados gerais

A tabela 1, abaixo, demonstra que a variante mais utilizada pelos entrevistados é a variante alveolar, no entanto existe um considerável índice de uso da variante glotal (enfraquecimento).

VARIANTE	PORCENTAGEM
Alveolar	58,3%
Alveopalatal	20,5%
Glotal	12,7%
Zero fonético	8,5%

Tabela 1. Percentual geral das variantes do /S/ em coda silábica nos municípios investigados

Considerando-se a variável *contexto subsequente*, apresentada nas cartas fonético-contextuais do trabalho completo (dissertação), observa-se que as variantes são condicionadas pelos contextos linguísticos em que estão inseridas, conforme se observa no quadro a seguir:

	Alveolar	Alveopalatal	Glotal	Zero fonético
Pausa	70,5%	3,8%	1,9%	23,9%
Oclusiva /p/	98,1%	1,9%	0%	0%
Oclusiva /b/	43,7%	0%	21,9%	34,4%
Oclusiva [t]	100%	0%	0%	0%
Oclusiva /d/	54,6%	0%	45,4%	0%
Oclusiva /k/	90,4%	8,8%	0,8%	0%
Oclusiva /g/	86,1%	13,9%	0%	0%
Fricativa /f/	92,5%	5,7%	0%	1,9%
Fricativa /v/	100%	0%	0%	0%
Africada [tʃ]	0%	45,3%	54,4%	0%
Nasal /m/	50%	1,2%	48,8%	0%
Lateral /l/	0%	5,6%	94,4%	0%

Quadro 1. Percentual geral das variantes do /S/ em coda silábica a partir do *contexto subsequente* nos municípios investigados

Os resultados referentes à variante glotal, apresentados no quadro 1 revelam que o enfraquecimento do /S/ em coda silábica é condicionado principalmente pela lateral, africada e nasal.

Com relação às variáveis sociais investigadas, observaram-se índices poucos expressivos do ponto de vista variacional, pois encontram-se equilibrados entre as variantes, conforme se verifica no quadro 2, a seguir.

		Alveolar	Alveopalatal	Glotal	Zero fonético
Localidade	Boca do Acre	55,4%	24,4%	12,2%	7,9%
	Lábrea	58%	15,7%	15,7%	10,7%
	Tapauá	61,5%	21,2%	10,4%	6,9%
Sexo	Masculino	55,7%	23%	13%	8,4%
	Feminino	60,9%	18,1%	12,5%	8,6%
Idade	18 a 35 anos	59,8%	20,4%	13%	6,8%
	36 a 55 anos	56,5%	19,6%	14%	9,8%
	Mais de 55 anos	58,3%	21,6%	11%	9,1%

Quadro 2. Percentual geral das variantes do /S/ em coda silábica por variáveis sociais nos municípios investigados

Como o interesse desta pesquisa é a realização enfraquecida do /S/ em posição de coda silábica, apresentam-se a seguir uma análise dos contextos em que essa variante é mais recorrente. Para isso, os dados foram submetidos ao pacote estatístico Goldvarb X e considerou-se como regra de aplicação a variante glotal. Dessa forma, foram controladas pelo programa a variável linguística *contexto subsequente* e as variáveis sociais localidade, idade e sexo.

Considerando-se os *knockouts*, representados no quadro 1 pelos percentuais que apresentam 0 e 100% para algumas variantes da variável *contexto subsequente*, amalgamaram-se

as variantes oclusivas e fricativas em um único grupo de fatores, uma vez que essas variáveis apresentaram, no geral, percentuais pouco expressivos para o fenômeno de enfraquecimento.

As duas variáveis selecionados pelo programa foram *contexto subsequente* e *localidade*, nesta ordem de seleção. Os resultados, calculados em peso relativo, encontram-se a seguir:

CONTEXTO SEGUINTE	Aplicação/Total	%	P. R.
Lateral	17/18	94,4%	0.997
Africada	36/65	54,4%	0.961
Nasal	41/84	48,8%	0.949
Oclusiva e Fricativa	12/441	2,7%	0.343
Pausa	5/264	1,9%	0.262

Input 0.048

Log likelihood -183.322

Significance 0.040

Tabela 2. Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica, nos municípios investigados, segundo a variável *contexto seguinte*

LOCALIDADE	Aplicação/Total	%	P. R.
Lábrea	44/281	15,7%	0.612
Boca do Acre	37/303	12,2%	0.490
Tapauá	30/288	10,4%	0.400

Input 0.048

Log likelihood -183.322

Significance 0.040

Tabela 3. Frequência e probabilidade de enfraquecimento do /S/ em coda silábica, nos municípios investigados, segundo a variável *localidade*

Conforme se observa nas tabelas 2 e 3, o teste de proporção confirmou os dados apresentados em percentuais. Com relação ao contexto subsequente, as consoantes lateral, africada e nasal favorecem a aplicação da regra de enfraquecimento. Por sua vez, com relação à localidade, o município de Lábrea favorece a realização do fenômeno investigado enquanto os demais a desfavorecem.

A seguir, apresenta-se uma discussão sobre esse resultado considerando as teorias fonológicas aplicadas à pesquisa inicial.

4.2. Discussão dos resultados

A análise partirá da leitura das cartas fonético-contextuais apresentadas no trabalho completo. As cartas trazem informações como as cartas fonéticas que foram reunidas para formar a carta fonético-contextual em questão, gráficos em pizza dentro do mapa com os percentuais por localidade, gráficos em barras fora do mapa com percentuais gerais e percentuais por sexo e faixa etária. As localidades representadas no mapa, de baixo para cima (de Sul a Norte), são, respectivamente, Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. Para esta análise importa os percentuais gerais para cada contexto.

Contexto precedente à oclusiva

A leitura da tabela 2 permite excluir das consoantes subsequentes que influenciam o enfraquecimento do /S/ em coda silábica nos municípios investigados as oclusivas e fricativas em geral, todavia a leitura do quadro 1 revela um índice expressivo de realizações glotais quando o fonema antecede as oclusivas /b/ e /d/ (21,9% e 45,4%, respectivamente). As cartas referentes a esses contextos apresentam-se abaixo.

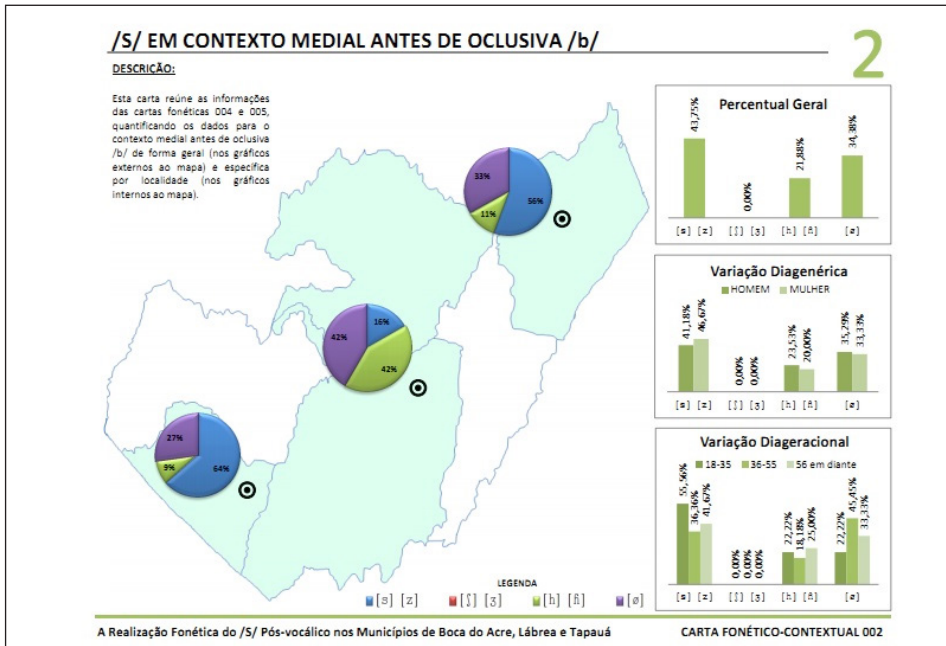


Figura 1. Carta fonético-contextual 2: Variantes do /S/ em coda silábica em contexto medial precedente à oclusiva /b/

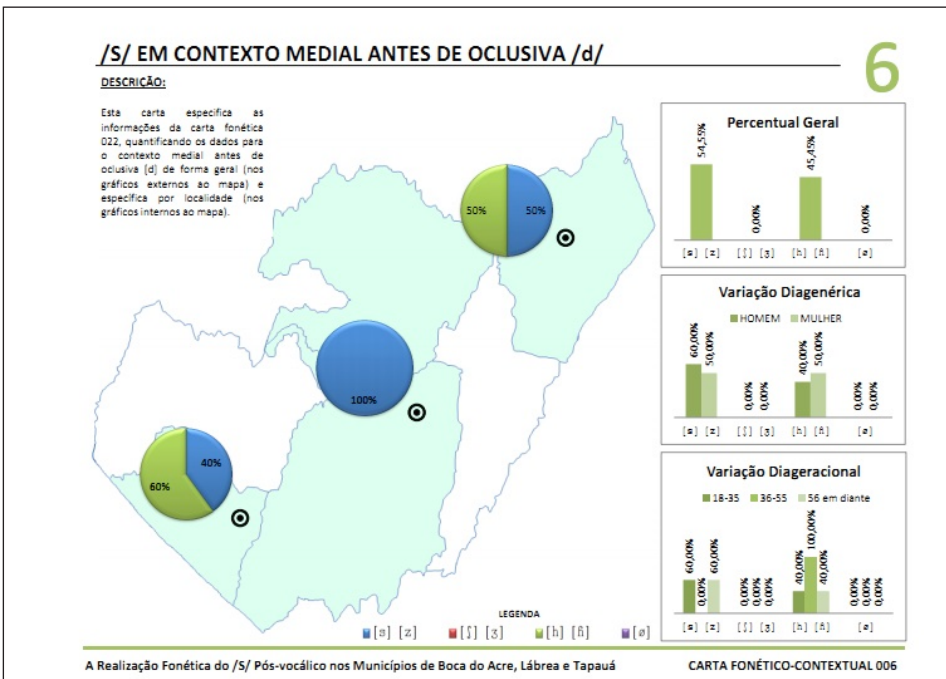


Figura 2. Carta fonético-contextual 6: Variantes do /S/ em coda silábica em contexto medial precedente à oclusiva /d/

Nota-se que o traço [+sonoro] faz os segmentos /b/ e /d/ subirem um ponto na escala de sonoridade proposta por Jespersen (1904) e Clements (1990) e, conseqüentemente, não privilegiar o uso da variante alveopalatal, o que também comprova o uso diferenciado do /S/ em coda antes do segmento [t], correspondente surdo de /d/³. O que se observa é o contrário, diante da sonoridade desse segmento, o /S/ perde ponto de articulação, tornando-se enfraquecido.

Contexto precedente à nasal

Este contexto, semelhantemente ao anterior, embora apresente índice de 50% para a variante alveolar, também se mostrou propício à realização da variante glotal, com frequência de 48,8% (peso relativo de 0.949, favorecendo a aplicação da regra). Os índices de pós-alveolar não se mostraram marcantes, conforme o se observa a seguir:

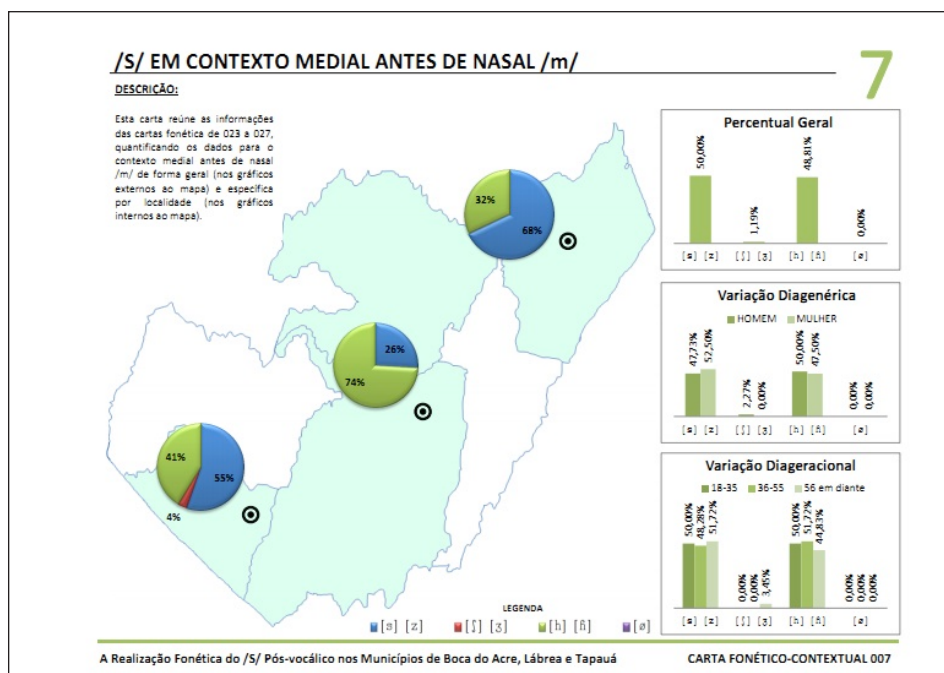


Figura 3. Carta fonético-contextual 7: Variantes do /S/ em coda silábica em contexto medial precedente à nasal /m/

Esse contexto também é formado por uma consoante que, na escala, apresenta alto grau de sonoridade, levando mais uma vez o /S/ a perder ponto de articulação, enfraquecendo-se.

É importante ressaltar a natureza da pesquisa feita por meio de questionário fechado, o que evitou a grande incidência do item lexical “mesmo”, como ocorre em outros trabalhos, o que acaba por colocar esse contexto em um patamar elevado estatisticamente. Os dados apresentados nesta pesquisa se referem a esse item lexical em proporção também a outros como “esmalte” e “esmolá”.

³ Nesta pesquisa observou-se que apenas diante de [t] o /S/ em coda silábica é realizado categoricamente como alveopalatal na região investigada, em contraposição à maioria dos contextos em que a realização alveolar é predominante. Isso ocorre porque o [t] tem em sua matriz fonológica um traço comum com o /S/, o traço [+coronal], participando da mesma classe natural. Assim, a semelhança no ponto articulatorio permite a aplicação do princípio de sonoridade para a boa formação das sílabas.

Contexto precedente à lateral

Nesse contexto, a variante glotal apresentou um índice de 94,4% das ocorrências, sendo categórica em dois dos três municípios estudados. Essa variável também foi apontada pelo Goldvarb X como a que mais influência tem sobre o fenômeno de enfraquecimento do /S/ em coda silábica. Apenas em Tapauá ocorreu a alveopalatal, o que representa um índice de 5,56%, conforme se observa a seguir:

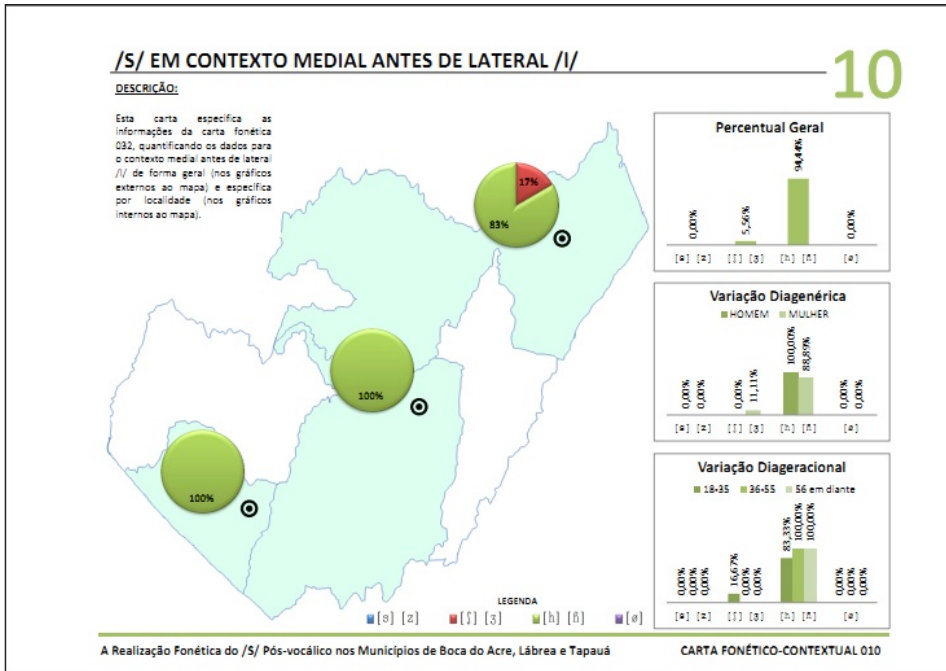


Figura 4. Carta fonético-contextual 10: Variantes do /S/ em coda silábica em contexto medial precedente à lateral /l/

Mais uma vez, observa-se o enfraquecimento do fonema em estudo pela posição antecedente a um segmento com alto grau de sonoridade na escala.

Ao se comparar os resultados até aqui apresentados, nota-se que quanto mais alto na escala está o segmento seguinte maiores são os índices de enfraquecimento do /S/ pós-vocálico. Diante da oclusiva sonora /d/ já se registra um índice de 45,45%; diante de nasal /m/, 48,81% e diante de lateral /l/ os percentuais chegam a 94,44%. Tais segmentos, respectivamente, encontram-se na escala em um grau ascendente de sonoridade, assim como os índices de enfraquecimento apresentados, conforme se observa a seguir:

0		1		2
OBSTRUINTES		< NASAL	<	LÍQUIDA
[t] /p/ /f/ /v/ /g/ /k/ /d/		< /m/	<	/l/
[h] 0% 0% 0% 0% 0% < 0,8% ⁴ < 45,45%		< 48,81%	<	94,44%

Contexto precedente à africada [tʃ]

Esse contexto também se mostra propício ao uso da variante glotal com um índice de 54,69% (peso relativo de 0.961, favorecendo a aplicação da regra). No entanto, é também significativo o índice de alveopalatal (45,31%), conforme demonstra a figura a seguir.

⁴ Esse percentual se refere exclusivamente a algumas ocorrências do item lexical “peçoço”, pronunciado [peh'kosu].

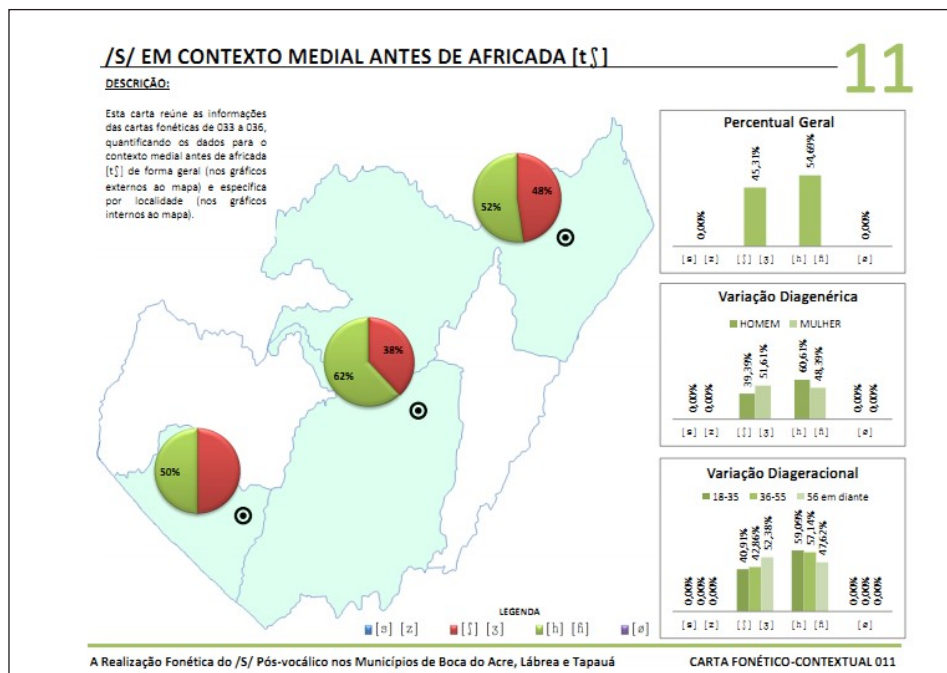


Figura 5. Carta Fonético-contextual 11: Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial precedente à africada [tʃ]

Temos aqui um fato curioso. Pela regra de palatalização, o traço [+alto] do segmento vocálico /i/ torna palatal o fonema /t/. Essa mudança, por sua vez, influencia a pronúncia do /S/ que antecede este fonema, uma vez que, como africada, ganha mais sonoridade na escala levando o falante a pronunciar, também, o fonema como glotal, som enfraquecido, além da ocorrência de alveopalatal antes de /t/. Por tais razões, considerou-se nesta pesquisa o fonema antes de /t/ em dois contextos diferentes, representados entre colchetes (representação fonética) ao invés das barras, características da representação fonológica – precedente à oclusiva [t] e precedente à africada [tʃ].

Nota-se, assim, que o contexto seguinte se apresentou como fator preponderante para o fenômeno de enfraquecimento, sendo os contextos medial precedente à lateral /l/, à africada [tʃ] e à nasal /m/ os mais favorecedores à aplicação da regra, conforme se observa na tabela 2. Nos demais contextos não houve resultados significativos, conforme se ilustra no gráfico a seguir, que apresenta resumidamente a relação entre todas as variantes do /S/ em coda silábica e a consoante subsequente.

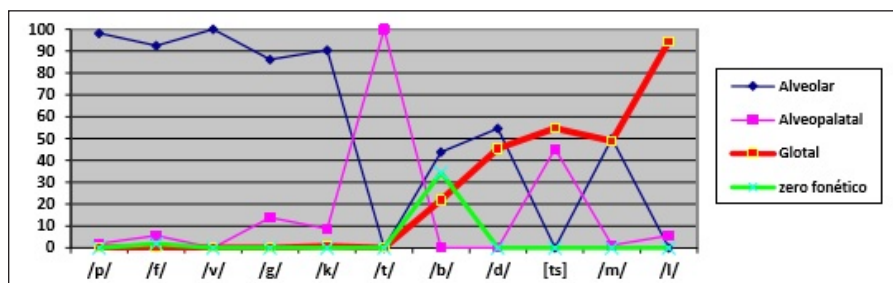


Gráfico 1. Variantes do /S/ em coda silábica e Consoante Subsequente

Observa-se que a variante glotal, representada pela linha vermelha em destaque mostra movimento ascendente conforme o segmento subsequente apresenta nível maior de sonoridade (os segmentos estão dispostos no gráfico de acordo com o nível de sonoridade da escala, do menos para o maior), ilustrando a atuação da sonoridade na aplicação da regra de enfraquecimento e garantindo a boa formação da sílaba.

- *Variável Social: Localidade*

Conforme apresentado na subseção 4.1, a análise estatística revelou que as variáveis sociais *sexo* e *idade* não se mostraram relevantes para a caracterização do fenômeno investigado. A única variável social selecionada pelo programa foi a variável *localidade*, cujos dados apresentaram uma tímida propensão ao enfraquecimento entre os informantes de Lábrea (0.612) em relação aos demais (Boca do Acre, 0.490 e Tapauá, 0.400).

Esse resultado é bastante curioso se considerarmos essa tendência maior ao enfraquecimento do /S/ em coda silábica como uma herança dos cearenses que, por meio da forte migração ocorrida no final século XIX para a região, foram responsáveis pela fundação das localidades estudadas, pois Lábrea, entre as três, é a cidade que mais se desenvolveu e está menos isolada, podendo receber outras influências. Na localidade de Tapauá, por exemplo, só se chega por via fluvial em uma viagem que dura dois dias. Em tese, podia-se esperar que a localidade de Lábrea fosse menos conservadora em relação a esse fenômeno e a de Tapauá mais conservadora, no entanto o que se observa é o contrário.

Estudo mais detalhado, envolvendo fatores sociais que não puderam ser considerados, como o fator *escolaridade* (nesta pesquisa todos os informantes têm nível baixo de escolaridade), número maior de informantes, ou até mesmo um estudo que envolva crenças e atitudes poderia revelar talvez uma busca por preservação da identidade linguística pelos moradores de Lábrea. No entanto, a natureza dos dados aqui apresentados não permite tais considerações.

5. CONCLUSÕES

O enfraquecimento do /S/ em coda silábica apresenta-se como um fenômeno que, apesar de não muito recente, vem se mostrando cada vez mais recorrente no Português falado em muitas regiões brasileiras. No sul do Amazonas parece resultado do movimento migratório ocorrido no século XIX, à época de forte exploração da borracha amazônica, pelos nordestinos, principalmente vindos do Ceará. As pesquisas realizadas nesse Estado atestam o enfraquecimento como forte marca do falar cearense que ocorre não apenas em coda ou com a fricativa /S/, mas com várias outras fricativas e até em posição de ataque silábico.

A explicação mais frequente para o fenômeno tem sido o difusionismo lexical, principalmente pela forte incidência no item lexical “mesmo”, assinalada em todos os estudos realizados. Sem dúvida, este item enfraquecido é tão recorrente que já se nota uma aceitação da pronúncia glotal até mesmo em camadas mais elevadas da sociedade e, muitas vezes, por falantes com alto grau de instrução em situação de fala informal e até mesmo formal. Uma avaliação mais aprofundada do difusionismo lexical torna-se muito relevante para a caracterização do fenômeno em estudo, considerando os resultados de pesquisas anteriores, todavia, da forma com esta pesquisa se configura, não é possível essa abordagem, uma vez que se trata de uma pesquisa em que se utiliza um questionário fechado. Assim, é importante que novas pesquisas sejam realizadas por meio também de uma coleta de dados em que o informante possa falar à vontade (elocução livre) para que se avalie a influência do difusionismo lexical na caracterização do enfraquecimento do /S/ em coda silábica na região investigada. Esta pesquisa buscou controlar fatores linguísticos que atuam nesse processo de variação e pode-se observar a importância, principalmente do segmento subsequente, o qual tem sido apontado em vários estudos como principal variável em se tratando de influência para a realização glotal da fricativa /S/ em coda silábica.

Nesta pesquisa, assim como em várias outras, observou-se forte influência da lateral /l/, da nasal /m/, da africada [tʃ] e da oclusiva dental /d/ enquanto segmento posterior ao /S/. Notou-se,

assim, que o enfraquecimento apresenta forte relação com o grau de sonoridade do segmento seguinte, uma medida de adaptação que ocorre no interior da sílaba: quanto maior a sonoridade do segmento seguinte, maior será a atuação do enfraquecimento. Essa explicação é atestada nos dados apresentados quando se comparam os índices de enfraquecimento alcançados quando o segmento subsequente é a lateral (quase 95% dos casos), quando é a nasal (quase 50%) e quando se trata de uma obstruinte como o fonema /p/ em que o enfraquecimento é inexistente.

Dessa forma, acredita-se no difusionismo lexical para a propagação e aceitação do fenômeno, no entanto isto só é possível porque existe um ambiente fonológico propício para a sua realização, atestada pela inexistência de casos de enfraquecimento em determinados contextos⁵.

Quanto à influência exercida pelas variáveis sociais controladas, observou-se que não houve resultados significativos que diferenciem o falar de homens e mulheres ou de jovens, adultos e idosos no que se refere ao fenômeno, no entanto foi possível observar um índice maior do fenômeno no município de Lábrea quando comparado aos demais municípios investigados. O fator escolaridade, que talvez apresentasse uma influência maior, como tem ocorrido na maioria dos trabalhos, não foi investigado nesta pesquisa.

Atualmente coletam-se dados para a elaboração do Atlas Linguístico do Sul Amazônico – ALSAM – nos municípios de Humaitá, Manicoré e Borba, além dos três municípios investigados anteriormente. Esses dados possibilitarão uma investigação acerca do enfraquecimento do /S/ em posição de coda, considerando também o fator escolaridade. Espera-se, assim, contribuir para a definição e compreensão deste fenômeno linguístico na localidade estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, Martins de (1937): "Fonética do português do Ceará", *Revista do Instituto do Ceará* 51, 271-307.
- Alencar, Maria Militão de (2007): *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza. As realizações dos fonemas /r/ e /r/*. UFCE. Tese de doutoramento inédita.
- Alves, Ubiratã Kickhöfe / Tatiana Keller (2010): "Sílaba", em Leda Bisol / Luiz Carlos Schwindt (eds.), *Teoria da Otimidade. Fonologia*. São Paulo: Pontes, 57-92.
- Aragão, Maria do Socorro (2009): "A Neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza", em Silvana Ribeiro / Sônia Bastos Borba Costa / Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (eds), *Dos sons às palavras. Nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 187-200.
- Aragão, Maria do Socorro / Maria Elias Soares (1996): *Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil*. Material inédito.
- Berçot-Rodrigues, Shanay Freire (2014): *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. UFAM. Dissertação de Mestrado inédita.
- Brescancini, Cláudia Regina (2004): "A aspiração da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano – variação e teoria", *Organon* 36, 93-99.
- Bueno, Francisco da Silveira (1991): *A formação histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva.
- Canovas, Maria Irene Francisca (1991): "Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /s, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala de Salvador", em Suzana Alice Marcelino Cardoso (ed), *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFBA 184-193.
- Carvalho, Rosana Siqueira de (2000): *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. UFPA. Dissertação de mestrado inédita.
- Clements, George Nick (1990): "The role of the sonority cycle in core syllabification", em John Kingston / Mary. E. Beckman (eds). *Papers in laboratory phonology*. Cambridge: CUP 283-333.
- Hooper. J (1976): *An introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press.
- Hora, Dermeval da / Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa / Walcir Cardoso (2010): "Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro. Coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?", *Letras de Hoje* 1, 71-79.
- Jesus, Cláudia Santos de / Jacyra Andrade Mota (2011): *Análise do /S/ em coda silábica no corpus do Projeto ALiB /Capitais*. WORKALiB Salvador. Material inédito.

⁵ Nesta pesquisa constatou-se que em contextos em que o /S/ precede /p/, /g/, [t], /f/ e /v/ não existe nenhum caso de enfraquecimento.

- Maia, Edson Galvão (2012): *Realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*, 2 vols. UFAM. Dissertação de Mestrado inédita.
- Martins, Flávia Santos (2007): *A pronúncia do -S pós-vocálico os municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant*. UFAM. Relatório de pesquisa inédito.
- Martins, Flávia / Felício Wessling Morgotti (2012): "Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus", *Revista Investigações* 2, 249-274.
- Monteiro, Renata Conceição Neves (2009): *A produção palato-alveolar de /S/ nas Vozes do Amapá*. UFPB. Dissertação Mestrado inédita.
- Noll, Volker (2005): *O português brasileiro. Formação e contexto*. São Paulo: Globo.
- Pelicioli, Ronaldo (2008): "A aspiração de fricativas na fala de Salvador", em *Anais do XV Congreso Internacional de la ALFAL*. Montevideu: ALFAL.
- Quara, Hariele (2007): *Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas*. UFAM. Relatório de pesquisa inédito.
- Rodrigues, Ana Germana Pontes / Aluíza Alves de Araújo / Maria do Socorro Silva de Aragão (2013): "Enfraquecimento de fricativas no Atlas Linguístico do Ceará. Uma abordagem sócio-dialetal", *Revista Trama* 18, 53-64.
- Roncarati, Cláudia Nívia (1999): *Varição fonológica e morfossintática na fala cearense*. UFF. Comunicação inédita.
- Santos, Deisiane R. dos (2009): *A variação do /S/ pós-vocálico na fala de Petrópolis, Itaperuna e Paraty*. UFRJ. Dissertação de Mestrado inédita.
- Sievers, E. (1981): *Gründzuge der Phonetik*. Leipzig: Breitkopf und Härtel.
- Silva Neto, Serafim da (1960): "A língua portuguesa no Brasil", *Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa*. Vol. XXV. Lisboa: Editorial Império.